

ANNO X  
NUMERO 218



53

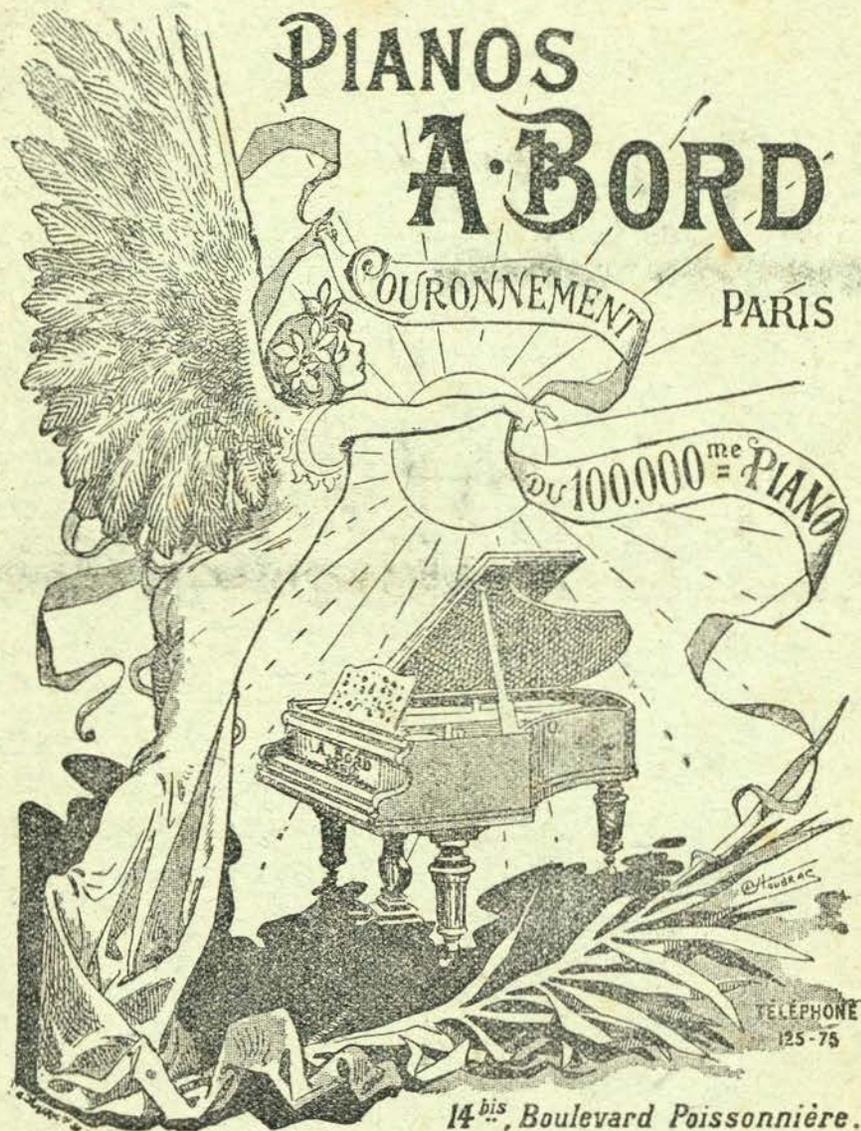
A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje .....	116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)  
Membro do Jury—Hors concours



Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49 — Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Van Ostade — Estudos sobre o Tristão e Isolda (continuação) — Jubileu de Francisco Andrade — Joseph Joachim (continuação) — A Harpa Luza — Notas Vagas — Uma excursão a Bayreuth — Real Theatro de S. Carlos — Concertos — Chronica Theatral — Noticiario.

## Van Ostade

(1610-1685)

### Le violon hollandais

A arte hollandeza! Que intimidade e observação sentida de caracteres e de costumes, associadas á simplicidade tão logica do temperamento nacional! Uma tela de Terburg, Metz, Ostade, S. Dow, Pieter de Hoogh, de Steen, revive paginas da vida singela, socialmente domestica, que tanto caracteriza a existencia do hollandez e do visinho flamengo. povos que souberam extractar da vulgaridade dos actos constantes da vida, subordinados a um criterio intimista, toda a força collectiva da nação.

Em paizes estranhos poude a arte hollandeza exercer uma influencia decisiva pelos elementos constitutivos da sua forte e bem definida escola de paysagistas.

Assim, a arte ingleza já nos fins do seculo XVIII, e a França desde que se formou a pleiade de 1830, accusam uma filiação directa na esthetica fecunda do realismo dos hollan-

dezes e flamengos do seculo XVII. A adaptação do principio fundamental — observação sincera e interpretação fiel da natureza —, com a completa identificação ao caracter nacionalista, ou mais rigorosamente ainda á feição regionalista, deve ser guia invariavel para a arte do paysagista. Mas a essa acomodação se limitará, porque, sempre que a exceda, a imitação virá substituir a identificação, indispensavel a toda a obra d'arte superiormente constituída. Os grandes mestres ingleses Gainsborough, Reynolds, Hopner, Romney, tão proximos da influencia flamenga pelo prestigio de Van Dick na cõrte d'Inglaterra e da preponderancia dos artistas hollandezes pela attracção da sua escola de retratistas, cuidadosamente evitaram a imitação e legaram em telas impereciveis figuras de raça bem definida e de caracter inconfundivel.

Basta recordar o «Duque de Gloucester» e «Anna Bingham» de Reynolds, «Miss Robinson»,

porventura a pagina mais inspirada de Gainsborough, «Monsieur Drummond Smith» de Romney; e, revendo essas maravilhosas afirmações do genio inglez, verifica-se a sua



Le violon hollandais

independencia, perante a licção admiravel e poderosamente suggestiva de Rembrandt, de Franz Hals, de Van der Helst, de Rubens e de Van Dick.

A escola franceza de 1830 obedeceu ao mesmo criterio, mas talvez porque a França não teve durante o seculo XIX pintores de retrato, que formassem escola tão definida, como a fizeram os artistas inglezes do seculo XVIII e principios do seculo passado, facilmente appareceram, fóra dos dominios da paisagem, imitadores d'outras escolas, d'outros paizes e d'outras epocas. E foi assim que se constatarem numerosos e frisantes exemplos de influencias italianas (Bouguereau, Chavannes, H. Martin), hespanholas (Ribot, Manet) e holandezas (Meissonier, Roybet).

A pintura de genero, reflectindo esta acção, veio definir em algumas telas celebres a attracção dos artistas, muito especialmente pelos flamengos e holandezes. O exemplo foi decisivo para demonstrar que, ainda com tão grande talento de concepção e execução a obra dos mestres do norte é, além de inconfundivel, inimitavel.

E' porque cada tela é um trecho da vida patria, e o artista não traduzindo o sentimento nacional pela forma poetica, transporta-o integral para a pintura, que é sentidamente a traducção da sua propria existencia no que ella tem de frisantemente commum com a dos seus compatriotas.

GUIDO.



**ESTUDOS**  
SOBRE O  
**Tristão e Isolda**

VI

Quando o panno se ergue voga o navio, com as velas desfraldadas, em mar sereno.

Isolda está deitada em um leito de repouso, abrigada em uma tenda de ricas tapeçarias.

Ouve-se a voz de um marinheiro que canta:

*L'occhio volgo ad Ovest  
Va la nave ad Est  
Ci spinge il vento al patrio suol;  
D'Irlanda, o figlia, dove vai tu?*

*Son forse i tuoi sospiri,  
Che gonfian le mie vele?  
Spira, o venticel!  
Guai, fanciulla, a te!  
Selvaggio e ardente cor!*

Isolda estremece, lança em volta olhares allucinados e julgando que a triste cantilena lhe é endereçada, exclama: «Quem ousa escarnecer-me? Brangania, onde estamos?»

Brangania levanta a tapeçaria e lançando a vista sobre o mar: — Avistam-se a oeste umas faxas azuladas; o navio corre veloz. Attingiremos a terra por certo antes da noite. — Que terra? — A terra de Cornouailles. — Nunca! Nem hoje, nem amanhã. — Que ouço, minha rainha? diz Brangania assustada.

Isolda levanta-se então, pallida, desfeita, com os cabellos esparsos sob a corôa que lhe cinge a fronte, e dá larga expansão ás suas tumultosas emoções. Invoca os ventos e as tempestades para que despedacem o navio maldito, que a retém escrava, sendo rainha.

Nada a acalma, nem as caricias da fiel Brangania, nem as suas supplicas humildes. — «Quero ar, o meu coração suffoca, levanta essas tapeçarias de todó.»

Executada a ordem, apparece em perspectiva toda a pôpa do navio, que se desenha no fundo, com a equipagem em plena luz, sobre o vasto horisonte do oceano azul. Em volta do mastro grande está a marinagem trabalhando no cordame. Pagens e cavalleiros conversam á pôpa. Lá ao fundo, ao pé do leme, e como que formando o vertice d'esta pittoresca pyramide humana, vê-se Tristão. Está isolado, de braços cruzados, olhando attentamente para o mar.

E' aquelle o ponto de mira d'Isolda. Absorto na sua meditação, nem elle a vê; mas a joven, fixando-o como a feiticeira que concentra a sua vontade no objecto longiquo do seu pensamento, murmura a meia voz estas palavras que elle não pode ouvir, mas que o envolvem em occulta fascinação.

*Io lo elessi, e lo perdei!...  
Puro eroe, baldó e vile!  
Morte avrà quel cor!  
Morte avrà quel capo!*

Depois encarrega Brangania de uma mensagem para elle. — «Esquece este timido heroe render homenagem e respeito a mim, sua soberana, com medo que o meu olhar o attinja, este valente sem igual!»

Tristão responde á serva com doçura e cortezia, mas só lhe dá respostas evasivas, evitando prudentemente um encontro. — «Sirvo-a e protejo a, em toda a parte onde estiver. Mas se abandonasse agora o leme, quem guiaria o navio até ao paiz do rei Mark?»

— Zombaes de mim, senhor Tristão? diz-lhe Brangania. Minha ama ordena, ao rebel-

de, respeito e temor! Isolda, a vossa soberana!

Ouvindo estas palavras, Kurvenaldo, o escudeiro de Tristão, que não comprehende estas pretensões e extranha taes ameaças em bocca de mulher, encarrega-se da resposta, em nome de seu amo: — «O que dá a corôa de Cornouailles e a herança da Inglaterra á Irlanda, não pertence áquella que elle proprio vae presentear a seu tio»; depois, por bravata, entôa a canção com que o povo de Cornouailles chasquêa a derrota de Morold.

Emquanto os marinheiros repetem triumphalmente este refrem, vem Brangania refugiar-se assustada junto d'Isolda, que expande a sua ira em imprecações contra aquelle, que salvou da morte, e que agora se apresenta como senhor.

*Odio a te, spergiuro,  
Odio eterno a te!  
Morte a entrambi!*

E agarrando febrilmente no cofre que sua mãe lhe havia dado á partida, cofre que contem toda a sorte de filtros e beberagens, escolhe entre elles, não o filtro d'amôr que Brangania lhe mostra sorrindo, mas o filtro da morte.

Durante este rapido dialogo apparece Kurvenaldo dizendo a Isolda que se apresse, pois que são chegados á terra do rei Mark; responde-lhe ella que não desembarcará sem que Tristão venha implorar o seu perdão, por a ter desattendido.

Ficando novamente só com Brangania, ordena-lhe que prepare em uma taça de ouro a fatal bebida, que ha-de pôr termo a duas existencias. Não tarda a entrar Tristão, em attitude modesta, mas orgulhosamente reservada. O motivo energico, lento e como que bardado de ferro, que acompanha a entrada do heroe, annuncia um homem que, na expectativa d'um rude combate, condensa as suas proprias forças em uma obstinada defensiva e se reconcentra na sua honra viril como em uma fortaleza.

A não transcrever, phrase por phrase, os dizeres do libretto, o que seria extremamente longo e sahiria do quadro que nos impuzemos, forçadamente limitado, não seria facil descrever o longo dialogo que se segue entre os dois protagonistas do drama, dialogo cheio de paixão e de lucta em que Tristão oppõe a mais fidalga firmeza ás exprobações iradas d'Isolda.

Por fim bebem ambos a taça da expiação e do esquecimento. Olham-se fixamente, no

cumulo da emoção, mas immoveis e como que petrificados. Com os olhares pregados um no outro, desafiam a morte que ambos julgaram beber; mas em breve se transforma esse repto sobrehumano em chamma de amôr.

Levam as mãos ao coração e á frente; os seus olhos procuram-se mutuamente e baixam-se, cheios de confusão. O navio e a equipagem, o mar e o ceu, o passado e o futuro, para elles tudo desapareceu. Invadem-os desconhecidas delicias. Só a melodia do amôr eterno triumphante se eleva n'esse silencio commovido e as palavras são apenas gottas de uma transbordante ternura.

Eil os nos braços um do outro, sorridentes, encantados!



Scena do 1.º acto

Por mais que Brangania, que para os salvar substituiria a letifera bebida pelo filtro do amôr, se desespere e clame, elles nada vêem, enlevados e absortos no seu doce sonho.

A orchestra tranquillizou-se agora, ou antes unificou-se no mesmo sentimento. O motivo do filtro d'amôr desenhou-se primeiro como um effluvio apenas perceptivel, no silencio pungente que se seguiu ao accorde tragico do filtro mortal; agora porém desenrola-se em ondas magnificas e alarga-se como mar espumante. E' o canto nupcial da paixão que lança até aos ceus o seu grito de victoria, desdobrando-se em apaixonadas melodias.

Tristão e Isolda nada vêem do que se passa em volta. Abriu-se a tenda e o navio está ancorado junto a um rochedo abrupto, coroado pelas torres do castello real. Ouvem-se as fanfarras de terra, a que respondem os gritos d'alegria da marinagem. A tolda regorgita de homens de guerra, que agitam bandeiras e acclamam o rei Mark, que vem a bordo buscar a sua real consorte.

Só os dois amantes permanecem estranhos e insensíveis a este tumulto e ficam absortos n'essa contemplação reciproca, que é o primeiro effeito do amôr partilhado e confessado. Brangania deitou o manto real nos hombros de Isolda, que nem de tal se apercebeu. Por fim Kurvenaldo e Brangania lançam-se sobre elles exclamando: — O rei, o rei vem a bordo!

Isolda lembra-se então do passado e comprehende a situação. O filtro? pergunta á sua fiel companheira.

— «O filtro d'amôr!» responde esta com desespero.

Depois, voltando-se para Tristão, exclama — «Devo eu viver?»

Dizendo isto, desmaia nos braços das suas servas, terminando aqui o acto.



## O Jubileu de Francisco Andrade

Para solemnisar o 25.º anno de carreira d'este nosso glorioso compatriota, realisou-se ultimamente em Berlim uma curiosa festa intima, que revestiu as maiores galas e foi motivo de bem agradaveis surpresas para o illustre cantor portuguez.



Francisco Andrade

Na casa onde reside e d'onde alguns amigos tiveram a precaução de o affastar na vespera da festa, sob o pretexto de convites a que não podia eximir-se, prepararam-lhe effectivamente uma manifestação retumbante e em extremo original. A' hora ajustada para receber as felicitações dos seus amigos apresentou-se o creado a annunciar D. Anna e o duque Ottavio, as conhecidas personagens do *D. João* de Mozart, sob cujos trajas lhe appareceram Madame Barnay, esposa do conhecido pintor allemão d'este appellido, e seu genro. Seguiram-se a estes o Commendador, a D. Elvira, Zerlina, Leporello (o professor Slevogt), Masetto, camponезes d'ambos os sexos, emfim todo

o pessoal artistico do *capolavoro* mozartiano personificado por um grupo de amigos devotados e admiradores do notavel barytono portuguez. Figurava entre as coristas a propria esposa do festejado, Irma Andrade, commandando a *troupe* o maestro director da orchestra, na pessoa do nosso Vianna da Motta!

A recepção teve logar no gabinete de Madame Andrade, arranjado *ad hoc* e adornado com as mais ricas fitas das corôas, que Francisco Andrade tem recebido durante a sua gloriosa carreira, fazendo um effeito deslumbrante.

A pedido de sua esposa e dos hospedes, teve de envergar o fato do *D. João* e, uma vez vestido, abriram-se as portas corrediças da sala de jantar, onde novas surpresas o esperavam. Estava esta transformada em uma galeria de oito columnas douradas, adornadas com grinaldas de rosas, abrindo-se a um lado uma varanda com plantas e flôres, representando o parque e jardim do palacio do licenciado cavalleiro.

Ao centro a sumptuosa mesa carregada de pratos, christaes e flôres. Todos tomam logar á mesa, ficando Francisco Andrade á cabeceira, como costuma.

De repente porém, extingue-se a illuminação, e as luzes electricas, habilmente occultas, simulam relampagos. N'um fundo de luar, apparece a *estatuá do Commendador*, cantando a sua entrada; era o mesmo artista que tinha cantado com Francisco Andrade em Salzburgo, durante o verão passado, nas festas mozartianas.

Francisco Andrade accudiu instinctivamente á deixa, com o seu:

*A torto di viltate  
Tacciato mai saró!*

não sem ter ouvido primeiro o *Oibó, oibo!* do assustado Leporello-Slevogt.

Inutil é dizer-se que todo este conjuncto de surpresas, de tão requintado cunho artistico, sensibilisaram profundamente o eminente artista portuguez, a quem os convidados fizeram por fim uma estrondosa ovação, compartilhada por sua esposa que tudo preparara com tão amavel carinho e devoção.

O resto da noute passou-se em enthusiasmo indescriptivel. Leram se versos e discursos, offereceram ao festejado cantôr duas lindas corôas de prata, uma outra prateada, uma enorme lyra de louro com fitas, outra dourada, e muitos outros presentes e lembranças.

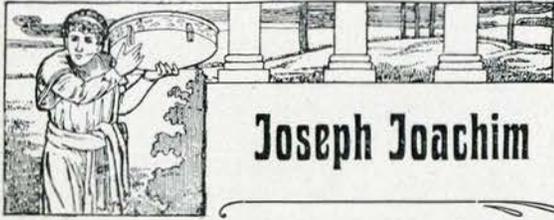
Fez-se musica, como de justiça.

Tocou Vianna da Motta e o violoncellista Heking; o proprio Andrade para agradecer

aos seus convidados a linda festa que lhe proporcionaram, cantou o brinde do *Hamlet* e a *Pastoral* de Vianna da Motta.

Como se vê a festa jubilar de Francisco Andrade, apesar de revestir um caracter de affectuosa intimidade, foi em tudo digna do grande artista, que tão alto tem sabido levantar na Allemanha o nome patrio.

A *Arte Musical* envia ao illustre artista a sua melhor saudação, que, por ser tardia, não é menos sincera nem menos entusiastica.



(Continuado do n.º 217)

Em outubro de 1901 vemol-o tocando no Festival de Leeds o duplo Concerto de Spohr com Arbós.

N'este anno tendo tocado como de costume em St. James Hall, succedeu-lhe um caso engraçado com um lord, muito seu amigo, porem inimigo de musica, pela qual professa grande antipathia.

Sabendo porem, que Joachim ia tocar n'aquelle edificio, avisou-o de que iria ouvi-lo. Dias depois Joachim encontrou-o e perguntou-lhe se tinha gostado do concerto, ao que o lord respondeu:

«Gostei muito, porem nunca pude conhecer o no seu disfarce em negro!»

Fôra o caso que o bom do lord se enganara na sala e fôra para a secção dos *minstrels*: uns menestres brancos, que tocam pintando de negro o rosto!

Imagine se a cara de Joachim, assim comparado com uns palhaços musicaes!

Em 1902 a casa Simrock prestou um grande serviço aos violinistas publicando a bella cadencia de Joachim para o concerto de Brahms, op. 77, que é, no dizer de Heim, *a creação d'um genio musical* (1)!

A perfeição, com que em maio o seu quartetto executou as composições habituaes, destruiu completamente as duvidas sobre a afinação de Joachim, generalisadas na França e fora por uma revista, *Le Monde Musical*, se bem me lembro, em 1901.

«E' irritante esta perfeição, disse um critico, porque é dos humanos errar; e obviamente o Quartetto Joachim não é humano porque não erra. Elles vão de Beethoven a Haydn e Mozart e Brahms, placidamente, como um rio, sem rochas nem baixos ou qualquer coisa propria a agitar a calma superficie da agua. E' tudo muito maravilhoso, muito sublime, muito grande, muito digno. Porem dá-nos vontade, a nós homens, de descer as escadas e quebrar alguma coisa, uma janella ou uma cabeça, para alliviar a tensão dos sentimentos! (1)»

Isto diz muito na sua simplicidade.

Pouco depois a revista *The Etude* publicava um artigo interessante, embora curto, de Joachim sobre a sua primeira obra, o *Romance* publicado por Kahnt, com acompanhamento de piano, quando elle tinha 15 annos d'idade. D'este artigo destacamos duas afirmações interessantes: a primeira que n'aquella idade já tinha escripto sonatas, os andamentos d'um quartetto e até um concerto de violino; a segunda que já então lhe não agradavam as peças de puro virtuosismo, que tocara nos annos anteriores!

Por aqui se vê quanto era fino o seu instincto artistico para o libertar em tão verdes annos da tendencia a Paganini, que ainda hoje deslumbra tanto tocador barbado!

N'este anno Joachim tocou em maio e em outubro em Londres o seu repertorio habitual com o exito do costume. E em Berlim festejou em sessão especial do seu quartetto as bodas de prata de Wirth, que para elle entrara vinte e cinco annos antes.

Em 1903 realisou-se uma das mais bellas aspirações de Joachim: a mudança da *Hochschule* do antigo edificio, acanhado e improprio, para casa sua, adequada.

Assim succedeu na inauguração official de fevereiro no bello predio da Fasanenstrasse, 1 a 9, em Charlottenburgo, ao norte de Berlim, que tem, além das secções habituaes para classe e exercicios uma sala de concertos para 1:000 logares, um theatro para 800 e uma bella bibliotheca. O seu custo foi de 113 contos.

Em março visitou Paris, depois de uma longa ausencia de 15 annos, com o seu quartetto, que foi muito recebido e immensamente apreciado pela unidade da sua execução. Joachim tocou o solo a *Chaconne* e varios andamentos das sonatas de J. S. Bach.

(Continúa.)

CARLOS DE MELLO.

(1) Heim (Ernst) — Neuer Führer durch die Violin-Litteratur, 2.ª edição por Otto Girschner, pag. 156 — Hannover, 1906.

(1) *Strad* vol. XIII pag. 37, col. I.



## A Harpa Lusa

E' tão mesquinha a nossa industria artistica e tão raras as occasiões de nos occuparmos de um invento propriamente nacional, no dominio da musica, que abraçamos com alvoroço a conjunctura que se nos depara, com a definitiva realisação de um projecto imaginado e pacientemente estudado pelo professor Julio Theodoro da Cunha Taborda, illustre artista a quem por vezes nos temos referido com o merecido encomio.



Julio Taborda

Além de eximio flautista e professor do nosso Conservatorio, Julio Taborda tem sido um strenuo defensor da sua classe e por ella tem incansavelmente trabalhado, a ponto de sacrificar não raro os seus interesses proprios e o merecido descanso das suas multiplas occupações de mestre e de executante. E' além d'isso um estudioso, como não se

encontram muitos na classe dos profissionaes da musica.

Conhecendo a difficuldade de encontrar muitas vezes um harpista para a musica de conjuncto e especialmente para a orchestra, pensou que, se podesse imaginar um instrumento de teclado que supprisse a harpa. sem lhe tirar nenhuma das qualidades de timbre que lhe são proprias, estaria resolvido o problema por uma fórmula pratica e simples. N'esse particular porém é que surgiram alguns embaraços, que não foi facil remover.

Effectivamente o systema de percussão e de escape, que constitue a base essencial do mecanismo do piano não podia nunca ser applicada ao novo instrumento, visto que na *Harpa Lusa*, como em todas as harpas, a corda deve ser dedilhada, como que puxada, mas de modo algum percutida. Foi preciso então, e essa é uma das partes mais interessantes do invento, imaginar uma especie de grampos revestidos de borracha e pellica, de modo a simular quanto possivel a *touche* do dedo, fazel-os evolucionar no sentido de-

sejado e, por meio de um systema especial d'escapes, obrigar-os a retomar a posição de descanso depois de ferirem a corda.

São 62 as teclas do instrumento, 37 brancas e 25 pretas, equivalendo a 5 oitavas e duas notas; corresponde a essas teclas uma serie de cordas, perfeitamente identicas ás da harpa commum, salvo para as ultimas notas agudas, em que o inventor preferiu a corda d'aço.

O professor Taborda sollicitou para a *Harpa Lusa* uma patente d'invenção, que lhe foi effectivamente concedida em agosto do anno passado, tratando agora da construcção do seu interessante instrumento, de modo a ficar absolutamente conforme á sua ideia.

Esperamos poder publicar a photographia da *Harpa Lusa*, logo que esteja concluida, e, n'essa occasião, depois de a ouvirmos, falgaremos em poder affirmar que a invenção do illustre musico corresponde em tudo ao que d'ella se pode exigir artisticamente, preenchendo uma importante lacuna da industria instrumental.



## CARTAS A UMA SENHORA

108.<sup>a</sup>

De Lisboa

Tenho diante de mim dois livros, um d'elles amavelmente offerecido mesmo pela sua illustre auctora a sr.<sup>a</sup> D. Olga de Moraes Sarmiento, outro que eu proprio me dei o prazer de adquirir e está firmado pelo nome já egualmente festejado de D. Branca de Gonta Colaço.

De ambos n'uma carta proxima lhe direi o que sinto, mas, n'este momento, confesso-lhe, será porque chove desabaladamente e na natureza pardacenta e rude uma onda de tristeza alastra, será porque dentro de mim mais alguma corda estalou deixando dorida e escalavrada a minha já tão doentia sensibilidade, certo é que não lhe escreveria em termos de obras que mãos de anneis carinhosamente teceram e finamente modelaram.

Os deuses não distribuem aos homens senão uma dóse de razão por dia; eis o que

parece ter aventado Homero, citado por Winkelman; ora a minha dóse de hoje creio que foi demasiado escassa porque não atino com o que desejaria exprimir acerca de qualquer d'ellas.

Occupa-se uma da gloriosa Alcipe lusitana, conhecida na nobiliarchia portugueza pelo titulo de Marqueza de Alorna e está traçada em prosa; occupa-se outra de estados d'alma ou da paisagem, de aspectos do sentimento ou da phantasia, e a sua linguagem é o verso.

No fundo as duas são como que a transposição verbal d'uma mesma deliciosa musica, cuja melodia indefinivel vem da alma feminina, que tantos persistem em ver inconsciente e futil e que, afinal, até aqui nos dá os mais flagrantes testemunhos de ser, como os melhores de entre nós, susceptivel de ascender a todas as alturas e de interessar-se por todos os problemas.

Incorrigivel feminista mas de um feminismo especial que em parte diverge do feminismo orthodoxo em parte o exclue por aspirar a alguma cousa de differente e porventura de mais transcendente intuito, eu não comprehendo os risinhos, os remoqueos, as ironias que a miude saltam ao caminho das corajosas senhoras d'uma terra onde aliás Publica de Castro e Luisa Sigéa viveram e brilharam, e onde, mais do que muitos homens, seria mister interessar muitissimas mulheres para tentar com bom resultado a cruzada benemerita da nossa redempção social e do nosso resurgimento civico.

Suppor por exemplo — para só agora nos referirmos a nós varões — que intellectualidades como D. Carolina Michelis, ou como D. Maria Amalia não poderiam, se n'isso pensassem, ter ingerencia na propria vida politica de Portugal, mas que podem tel-a pobres desgraçados que a deficiencia de preparação adequada torna doceis instrumentos de vulgares ou cynicos mandões, não se me afigura um tropheu com que haja de ufanar-se quem quer que seja.

E para que não imagine, boa amiga, que só á cultura mental alludo, poderia acrescentar que aferir por bitola dissimilhante creaturas de moralidade identica e de analoga ponderação e critica, só porque umas envergam calças e outras adoptam saias — será tudo menos logico, menos coherente, não lhe parece?

Por mim eis o que penso; mas emfim, sei eu talvez quem vê mal, visto que a maioria dos meus concidadãos, com um supremo ar de desdem, que deveras os singularisa, assim o decidiram, valendo-se da pretendida superioridade physica dos musculos ou das regalias viris da barba, sem todavia, se lembrarem n'este ultimo caso, do conhecido proverbio

que ensina que se os simples pêlos dessem sciencia, os bodes poderiam prégar, e, com respeito ao primeiro, que qualquer brutamontes teria vencido o proprio Cesar...

Ora, pois, deixemos na sombra estas misérias, *pequeñeces* que apenas logram provar como os meus irmãos em sexo ainda na sua larga maioria se deixam levar pelos velhos instinctos atavicos da selvageria e da ignorancia, e tenhamos todos, os que assim não pensamos nem sentimos, a varonil coragem de saudar, respeitosos e enternecidos, os bellos e impressivos exemplos femininos que aspiram a mais alguma coisa que a manobrar uma intriga amorosa ou a legislar no córte de um vestido...

Mesmo que lhes dê para se internarem na *selya escura* da politica, sejam bemvindas porque nós homens temos tornado esta tão suja, que talvez a original intervenção da linda metade humana, a que V. Ex.<sup>a</sup> por felicidade pertence, conseguisse transmittir-lhe um pouco de claridade e um pouco de belleza...

E claridade e belleza ainda são dos melhores sanificadores da sociedade e da vida.

*Je ne cherche pas tant à meubler mon âme, qu'à la forger*, ensinou Montaigne, e porventura não seria em absoluto destituído de interesse levar aquelles que cuidam do primeiro ponto, a inculcar no espirito da maioria esta idéa salutar e fundamental — que pelo que se refere ao segundo, ainda os melhores forjadores — ou as melhores forjas — á escolha — são as mulheres, e só ellas.

No dia em que tenhamos grandes cerebros femininos, como regra e não como excepção, e estes formam-se educando e instruindo — teremos grandes cerebros masculinos e ao mesmo tempo não menos grandes corações cheios de nobres energias e de invenciveis e ardententhusiasmos, o que será soberanamente famoso...

Creio que estará de accordo, por isso nada mais adeantarei, mas antes de despedir-me, deixe-me desfolhar sobre o coval florido do querido D. João da Camara uma modesta saudade. Poeta de raiz, querido dos deuses, e dos homens, amado por quantos o conheceram, e tendo achado o fio da tradição gartiana em dois ou tres dos modernos primores do theatro portuguez; simples, sincero, bom, o auctor dos *Velhos* e da *Triste Viuvinha* merecia ter vivido em mais luminoso meio e haver encontrado entre os intrincados fios que condicionam uma existencia e facetam um character, alguns d'aquelles que a fortuna doura, e mercê dos quaes o genio pôde encarar a sorte e dominar os factos e as cousas.

Assim, infeliz d'elle, trabalhou, cantou,

creou, e o dia da sua gloria foi curto, e a hora da sua travessia foi atormentada e negra.

Desolado amigo, viveste pouco e soffreste muito, seja-te a terra da patria mais doce para os seres que aqui deixaste, do que o foi para ti e para as obras que para nós fizeste...

AFFONSO VARGAS.



## Uma excursão a Bayreuth

O theatro modelo, fundado ha 35 annos na pequena cidade dos margraves pelo mais genial dos operistas allemães e religiosamente conservado pela familia e pelos amigos do Mestre tal qual elle o imaginou, reabre este anno as suas portas aos peregrinos de todo o mundo.



O desfile das equipagens

Peregrinos, é o termo que mais convem a essa multidão de melomanos que annualmente acode ao templo de Meca da arte lyrica.

Antigamente o caminho de Bayreuth era penoso até para os proprios allemães. Hoje, com as facilidades de comunicação que o progresso tem trazido a todos os povos cultos, a viagem tornou-se simplissima e ha mapas geographicos, em que Bayreuth figura como ponto central e que indicam facilmente aos habitantes de San Francisco ou aos de Nijni-Novgorod quaes as vias de terra ou de mar que os hão de transportar mais depressa aos flancos da Montanha Sagrada.

De Paris então, a viagem é um facil e commodo passeio, igualmente tentador para os apressados que a elle sacrificarão apenas

umas 24 horas e para os vagarosos que poderão aproveitar no trajecto a visita de alguns logares interessantes e pittorescos.

Os pontos que, partindo de Paris, merecem uma paragem mais ou menos longa são Nancy, onde triumpham ainda vestigios das bellezas com que as dotou Estanislaw de Polonia, Strasburgo, cuja cathedral é tão famosa como a casa d'Ervin de Steinbach, a fabril Stuttgard com o seu velho castello a dominar o incessante formigueiro das industrias, a pittoresca Rothenburgo de tão caracteristica architectura e finalmente Nuremberg, a cidade das bonecas.

E' certamente esta ultima que recebe o mais rico tributo de admiração dos forasteiros, ou porque as exigencias do itinerario os obriguem a prestar-lhe maior attenção ou porque estejam ainda ali palpitantes as tradições de Hans Sachs e d'Alberto Durer.

Seja como fôr, com a sua Lorenzkirche e outros notaveis templos, com o seu Palacio Municipal do seculo xiv, os seus bronzes de Peter Vischer, as suas esculpturas d'Adam Kraft, as numerosas obras d'Alberto Durer, que figuram em tantos dos seus monumentos, com o seu Museu Germanico, onde por signal ha bellas colleções d'instrumentos musicos, com a sua Torre das Rans (museu das torturas), o seu *burg*, as suas fontes, os curiosos pateos das suas casas particulares, offerece Nuremberg o interessante exemplo de uma cidade que, apesar de uma activissima vida moderna em algum dos seus bairros, conserva n'outros o mesmo caracter que tinha no seculo xiv. Se juntarmos a isso que o Pegnitz atravessa a cidade de lado a lado e que as casas que se lhe enfileiram nas margens tem esse encanto evocativo que ainda se encontra no pequeno *Bratwurstglocklein*, onde Durer e Sachs iam comer a salsicha quotidiana, havemos de concordar que Nuremberg offerece a todo o peregrino de Bayreuth o mais confortavel, e tambem o mais suggestivo dos asylos.

Já não poderiamos dizer o mesmo da propria Bayreuth, cujo antigo esplendor desapareceu, e que limita a sua razão de ser, por que assim digamos, ao ideal wagneriano.

O theatro dos Margraves, em pomposo estylo *rococó*, e cujas portas se fecham quando a sala das festas wagnerianas abre as suas, e as propriedades e quintas dos antigos senhores d'Anspach-Bayreuth, apesar de bellas e cuidadosamente tratadas, não seriam attractivo bastante para os estrangeiros de longe.

O que interessa ali principalmente é essa atmospheria wagneriana que nos envolve, essa como que vibração d'arte que anima e sacode os ferventes de Bayreuth, que ali se encontram quasi todos os annos, e os simples

forasteiros, que a curiosidade, o snobismo ou o desfastio levou lá accidentalmente.

Fora das representações propriamente ditas, o que sobretudo attrahe é o *Wahnfried*, o palacete de Madame Wagner, onde tantas recordações se conservam da vida artistica e da vida intima do grande reformador da opera, é o seu tumulo, é o monumento a Franz Liszt no cemiterio da cidade, são em summa todas as circunstancias que mais ou menos prendem com a solemidade d'arte que ali nos leva.

Admiramos o *break* de Cosima, commentamos o grande chapéu de feltro e a quinzena de velludo do Richter, apontamos uns aos outros as celebridades que ali se dão *rendez-vous* periodicamente.

Os dias correm de resto velozes. Com um theatro que começa ás 4 horas, e com o tempo inevitavelmente perdido nas refeições, não ha vagar para digressões e passeios. Durante os longos intervallos do espectáculo uma grande parte do publico sae a respirar ar fresco nas frondosas aleas que circundam a *Festspielhaus* ou a restaurar-se nas visinhanças. Terminado o espectáculo, pelas 10 ou 10 e meia da noute, todos se precipitam, com o coração *afogado em musica* e o estomago a pedir qualquer cousa de mais positivo, n'um dos restaurantes, que avisinham o theatro, principalmente no *Grand Restaurant*, ponto de reunião dilecto de todos os artistas que tomaram parte na opera e da maior parte dos forasteiros. E' ahí que, não raro, se fazem as ovações aos maiores interpretes dos dramas wagnerianos, ovações que lá dentro, no recinto sagrado, são absolutamente interditas.

N'este anno de 1908, mercê da iniciativa da *Arte Musical*, esperamos que o nosso paiz, que até aqui se tem quasi por completo desinteressado das festas de Bayreuth, se faça galhardamente representar por um numero relativamente avultado d'excursionistas.

Cada cyclo de representações comprehende este anno o *Annel do Niebelung*, a obra mais consideravel do repertorio wagneriano e que é executada, como se sabe, em quatro espectaculos, o *Lohengrin*, extremamente interessante pelo confronto com o que estamos habituados a ouvir, e o *Parsifal*, que é até 1913 propriedade exclusiva da empresa de Bayreuth e que portanto só muito difficilmente se pode ouvir fora d'ali.

O cyclo em que devem reunir-se os excursionistas portuguezes começa em 14 d'agosto e termina em 20. Em meados do mez proximo daremos inicio ás *Conferencias-concertos*, já annunciadas, em que o illustre critico d'arte, sr. Antonio Arroyo, prestará a collaboração da sua attrahente palavra e de uma excepcional competencia na materia.

Já entraram em ensaios alguns dos fragmentos que vão illustrar musicalmente essas conferencias e cuja execução é confiada a alguns dos nossos melhores artistas e amadores.

Dentro em breves dias publicaremos um prospecto d'essa interessante serie de *Conferencias-concertos*, as datas certas em que se realisam, os assumptos que em cada uma se desenvolvem e as obras musicas que em cada uma se executam.

Continuaremos a aceitar inscrições para a viagem a Bayreuth, até 1 de fevereiro proximo, data definitivamente ultima em que podemos sollicitar bilhetes para os espectaculos wagnerianos. Acerca d'elles e dos promenores da viagem, é inutil dizer-se que daremos gostosamente por carta ou verbalmente todas as informações que nos sejam sollicitadas.



As operas do velho repertorio não são as que este anno mais teem agradado em S. Carlos. A moderna orientação da musica de teatro, dada pelo drama lirico, contribuiu muito para a decadencia das escolas de canto na Italia, e d'aqui a impossibilidade quase absoluta de encontrar artistas que satisfaçam ás exigencias de *bel-canto*. O artista francês, melhor orientado na sua educação musical, não póde todavia substituir o antigo cantôr italiano, porque o timbre nasal lhe prejudica a dicção. Além d'isso a escola francesa actual, devido principalmente ao abuso de *portamenti*, dá á frase um caracter plangente, muito caracteristicamente personificado em alguns artistas bem cotados, que nos ultimos anos nos visitaram. A falta de bons cantôres explica-nos portanto a razão por que a *Linda de Chamounix*, cantada em 26 de dezembro, e o *Ernani*, em 3 de janeiro, não conseguiram fazer carreira.

A *Linda*, que só um motivo de ordem economica podia fazer sair do esquecimento em que ha tantos anos jazia, não é das operas de Donizetti a que mais simpatias merece, nem a que mais exige artistas de superior envergadura. No entanto, para ser possivel agora a sua reparição em S. Carlos, foi preciso mutila-la ferozmente. Melhor teria sido que tão desfigurada nos não visitasse. Até no

segundo acto foi suprimida a romança de tenôr *se tanto in ira agli uomini*, assim como o duêto de tenôr e soprano *Ah! dimmi... dimmi, io t'amo*, porque teem exigencias de vocalização superiores ás forças dos artistas modernos. Em logar d'aquêles numeros foi cantada a romança de tenôr, *una furtiva lagrima*, da opera *Elixir d'amôr*, tambem de Donizetti, d'onde resultou o disparate de Carlos ir ao encontro de Linda, que o esperava, e retirar-se sem lhe falar.



Emilio Perea

O tenôr Emilio Perea foi o interprete da parte de Carlos, visconde de Sirval. Já dissemos que este artista é uma béla promessa de futuro brilhante, se proseguir na educação da voz, que ainda muito facilmente se resente da fadiga produzida por noites seguidas de espectáculo em que tome parte. E no entanto é já um cantôr muito digno de aplauso; a romança do *Elixir* disse a de modo a fazer sair o auditorio da indiferença que muito claramente manifestava, chegando a pedir a sua repetição.

O marquez, que é uma parte importante, teve como interprete um antigo baritono comprimario, guindado agora a baixo *buffo*, o que nos não parece que seja de boa prática.

No *Ernani*, reapareceu a sr.<sup>a</sup> Gagliardi, a

quem o ano passado fizemos as melhores referencias, que consideramos justas. E' uma cantôra com um timbre de voz muito agradável e que frasea correctamente.

A velha opera de Verdi não é para o tenôr Franceschini uma corôa de gloria. Outro tanto diremos do baritono Giraltoni, que não pode satisfazer ás exigencias de *bel-canto*, em que era eximio o seu progenitôr. *Linda* e *Ernani* devem sair do seu repertorio.

Na *Adriana Lecouvreur* reapareceu o tenôr Krismer, outro velho conhecimento que não tem feito progressos sensiveis, embora disponha de uma voz com timbre agradável e bem digna de ter sido trabalhada com esmero.

A sr.<sup>a</sup> Carelli, que interpretou a protagonista, tem na *Adriana* uma prova do consciencioso estudo que faz da personagem. E' uma comediante de muito valôr e sentimos que por este ano se despedisse de nós com a *Zázá*, na noite de 9 do corrente.

Em 8 de janeiro voltou a perseguir-nos a *Dannazione di Fausto*, que est'ano não fazia parte do repertorio anunciado. Gagliardi, Krismer e Giraltoni foram os seus interpretes principaes.

Qualquer d'estes artistas já em épocas liricas passadas tomou parte no desempenho da *Dannazione*, em S. Carlos. A sr.<sup>a</sup> Gagliardi continúa a ser uma feliz interprete da Margarida, que no poêma de Berlioz não tem scenas de grande responsabilidade. O tenôr Krismer, na primeira noite de *Dannazione* a que agora nos referimos, mostrou no duêto com Gagliardi que sem esforço podia attingir um *ré* agudissimo. E' caso para o felicitar. Do sr. Giraltoni, apesar de aplaudido no ultimo quadro do 2.<sup>o</sup> acto, diremos que não conseguiu fazer esquecer os artistas que o precederam.

A *Dannazione* está posta em scena com o mesmo esmero dos anos anteriores. A' parte uns numeros de musica de subido valôr, que até de olhos fechados deviam ser ouvidos com toda a atenção, é espectáculo com qualidades de peça magica para deleitar a vista. Bom será que os seus espiritos infernaes nos não persigam durante 14 noites, como na época lirica de 1905 a 1906, ou durante 9 noites, como o anno passado. E' demasiado inferno e muito precisamos de ouvir em sucessivas noites algumas partituras que nos estão prometidas e que bastante teem que estudar. E o *Tristão e Isolda* é a que deve chamar mais particularmente a nossa atenção.

13 de janeiro.

ESTEVES LISBOA.





No primeiro dia do anno promoveu a *Grande Tuna Feminina* uma sympathica festa no salão de D. Maria II. Era o seu principal intuito a distribuição de peças de vestuario e brinquedos a 30 creanças pobres e bastaria esse santo motivo para ter jús a todo o nosso applauso.

A musica e a poesia tiveram comtudo uma larga parte n'esta bonita festa, merecendo o bando gracil de bandolinistas e violinistas, que Alfredo Mantua tão competentemente ensaia e dirige, um largo quinhão das ovações da tarde.

Como solistas distinguiram-se particularmente, no piano e no bandolim, as sr.<sup>as</sup> D. Al-da Almeida e D. Carmelita Gomes.

\*

O concerto annual do professor Colaço, realisado a 7 no salão do Conservatorio, teve o attractivo de um requintado programma e a consagração de uma assistencia luzida e selecta.

Quasi se torna ocioso fallar do promotor do concerto, uma das personalidades mais em evidencia e mais justamente apreciadas no nosso pequeno meio artistico. Quer como mestre, quer como concertista, Rey Colaço occupa entre nós um logar d'eleição, a que lhe dá inteiro direito não só a sua competencia profissional, mas tambem a optima orientação do seu espirito, aberto a todas as evoluções e a todos os progressos da sua arte, cousa infelizmente nada vulgar n'esta boa terra de caturras e rotineiros.

Como mestre e como concertista, Rey Colaço veiu mais uma vez affirmar publicamente o seu alto valor. As *Rapsodias* de Brahms, que tocou a solo, obras de primorosa factura a que não escasseiam os bons momentos da mais pura inspiração, foram detalhadas com verdadeiro rigor interpretativo e valeram-lhe clamorosos applausos.

As suas discipulas Miss Villiers e Jeanne Rey Colaço, esta ultima sua filha, representaram condignamente, n'esta festa, o numerosissimo nucleo das suas educandas. Tocando a dois pianos com o professor, a primeira as *Variações* de Sinding e a segunda a *Romança com variações* de Grieg, e apesar de ser esse o primeiro concerto publico

em que qualquer das gentis meninas figuravam, evidenciaram notavel desembaraço e firmeza de rythmo e, quasi sempre, uma sonoridade satisfatoria.

Como elementos propriamente extranhos collaboraram ainda n'este interessante concerto a sr.<sup>a</sup> D. Ida Blanck e o sr. D. Pedro Blanch, que nada teem de parentes, apezar da semelhança do appellido.

A sr.<sup>a</sup> D. Ida Blanck, que não tinhamos a fortuna de ouvir ha bastantes annos e que, ao que suppomos, tem feito ultimamente a sua educação musical em Paris, causou-nos vivissima impressão e suscitou uuu justificado entusiasmo em toda a assistencia.



D. Ida Blanck

Figura patricia, rosto formosissimo, voz veludinea e extensa, tudo concorre n'esta notavel amadora para suggestionar rapidamente o seu publico. Se accrescentarmos que canta com excellent methodo e invulgar intelligencia e que a sua voz está superiormente empostada, como raro se dá entre amadores, não extranharemos que a distincta cantora tivesse n'esta festa um verdadeiro triumpho. Correspondeu ás saudações do publico, cantando além do trecho de *Werther*, das *Trovas* de Rey Colaço e de um *lied* de Schubert, que estavam no programma, uma inspirada composição de Bemberg, *A toi*.

Do excellent violinista D. Pedro Blanch, que a *Arte Musical* tem sempre apreciado na sua devida altura, pouco ha que accres

centar. E' correctissimo este artista e dá-nos sempre verdadeiro prazer ouvil-o. A deliciosa *Fantasiestück* de Schumann, que tocou com o professor Colaço, a *Fantasia* de Vieuxtemps, apesar de não corresponder por completo ás exigencias estheticas de hoje, e a *Romance* de Beethoven, que executou a pedido e fóra do programma, deliciaram-nos, todas, pela pureza da execução e pelo acabamento modelar de todas as phrases.

D'aqui o felicitamos cordealmente, assim como ao promotor do concerto e a todos os seus diligentes cooperadores.

\*

A 12 teve lugar na sala de concertos do professor Moreira de Sá (Porto), uma audição de alumnos seus e de sua filha D. Leonilda.

O programma comportava 14 numeros, sendo o ultimo a *Sonata* de Beethoven (op. 13, num.º 1), executada pelos proprios professores e precedida de uma breve palestra sobre Beethoven e a sua musica.

\*

O 50.º concerto da *Sociedade de Musica de Camara* effectuou-se hontem, 14, no salão do Conservatorio.

Tocou-se em primeira audição, um *Concerto* de Bach para *trompette*, com flauta, oboé, violino e violoncello, tendo além d'esses instrumentos, os seguintes *di ripieno*: — dois violinos, violeta e *violone*; uma *Sonata* de Schumann para violino e piano; e o *Quinteto* de Cesar Franck para piano, dois violinos, violeta e violoncello.

Além dos habituaes executantes, tomaram parte n'este concerto os srs, J. A. Martins Junior, João Sagner, Wenceslau Pinto, D. Stella Avila, João Passos e João Evangelista da Cunha e Silva.



## Chronica Theatral

**Theatro D. Maria II** — *João Maria*, em um acto, de Theuriet, traducção de André Brun; *Irmãs*, peça em tres actos, de Gaston Devore, versão de S. M., e *Zefa*, original em um acto, de Maximiliano de Azevedo. — **Theatro D. Amelia** — *Casa em ordem*, de A. Pinero, traducção de Eduardo de Noronha; *As duas Madame Delauze*, em tres actos, de madame Mourey, traducção de Portugal da Silva; *A mentira*, em um acto, de Marcellino Mesquita, e *A sorte dos maridos*, em um acto, de Robert Flers e J. Caillavet, traducção de Tony.

A empresa do theatro de D. Maria, entendeu acabar com o sextetto para economia,

apesar de anunciar nos jornaes que era com o alto *fin artistico* do espectador ficar pensando, de acto para acto, na ligação dramatica da peça! Não sei se houve alguém que acreditou, mas se houve era com certeza mais ingenuo que o primeiro homem que nos resa a Biblia! O que podemos dizer é que o theatro tem um aspecto demasiado triste, e que geralmente a concorrência limita-se a meia duzia de pessoas.

Será a falta da musica a verdadeira origem d'esta debandada de publico? O futuro o mostrará.

Annunciou o cartaz uma peça deliciosa de Theuriet, que já ouvimos ha annos, em S. Carlos, pela eminente actriz Sarah Bernhard. E' um verdadeiro encanto de feitura, onde o verso canta ao nosso ouvido uma melopea de rimas cheias de doçura, suaves e puras!

Já conhecia em portuguez uma bella traducção em verso do dr. Crespo, já fallecido, agora esta versão foi feita por um joven escriptor, André Brun, rapaz cheio de talento e que a traduziu brilhantemente.

Com o desempenho que teve, difficil seria que o publico pudesse comprehender aquella obra litteraria! D'ahi a frieza com que foi recebida!

Maria Mattos, 1.º premio do nosso Conservatorio, tem grandes defeitos, o que necessita estudar bastante para os perder rapidamente. Não possuindo voz agradável, sobretudo no cartar do verso, nota-se muito mais, mas isso é o menos, o que precisa é sabel-o dizer. Vemos que, sendo actriz intelligente, como de facto é, no Conservatorio não lhe ensinaram nada, ou tão pouco, que seria melhor nunca ter ido para lá.

Luiz Pinto e Araujo Pereira, fizeram o que puderam.

A peça de Gaston Devore é uma obra bastante interessante, com bellas scenas sobretudo no 2.º acto. Não é uma obra para publico, estamos certissimos que pouco tempo estará no cartaz, mas incontestavelmente é uma peça bem escripta, cheia de fina analyse.

O desempenho foi bastante irregular, mas será mister notar, os trabalhos de Anna Pereira no papel de *Clara*, que foi extraordinaria de naturalidade, e Palmyra Torres, que nos deu no papel de *Gilberta Dorcy* um trabalho bem estudado; todas as scenas do 2.º acto foram bellamente detalhadas, recebendo bastantes applausos.

A *Zefa*, de Maximiliano de Azevedo, é uma bella obra theatral. A scena passa-se em um paul perto de Castro Daire, outubro de 1834.

Foi n'esta peça que se apresentou em publico, pela primeira vez, a joven actriz Aura

Abranches, filha da grande actriz Adelina Abranches, no papel de Mariquinhas.

Aura Abranches, que principia agora a trilhar a ardua vida do theatro, tem optimas qualidades para vir a ser uma das nossas primeiras actrizes; não poderemos chamar-lhe já um genio, mas estamos certos que se estudar, possui todos os requisitos de uma grande actriz.

Adelina Abranches, no papel de *Zefa*, foi admiravel, assim como Anna Pereira, Ignacio, Joaquim Costa e Araujo Pereira. Os restantes concorreram para o bom desempenho da peça.

Iremos agora ao *D. Amelia*.

Nessa noite estava annunciada a *Casa em ordem*, do notavel escriptor inglez Pinero.

Raras vezes temos visto nos palcos portuguezes uma peça de valor tão real! E' uma comedia cheia de finura, onde as diversas scenas são passadas com naturalidade; o dialogo corre expontaneo, prendendo o publico até á scena final.

O enredo é já bastante conhecido para o não vir aqui contar; apenas direi, antes de fallar no desempenho, que a traducção está admiravel, e feita em bom portuguez, o que não nos admirou quando ella é assignada pelo brilhante jornalista Eduardo Noronha.

No papel de *Nina*, admiramos mais uma vez o trabalho da grande actriz Lucilia Simões. E' impossivel representar-se melhor! Lucilia possui aquelle fogo sagrado do talento, que brilha atravez do seu olhar, que penetra e que subjuga! Estudiosa, encarna-se nos papeis de forma tal, com tanta luz de verdade, que faz passar perante o publico as personagens, que representa, com tanto realismo, tão bem buriladas pelo seu talento, que vivem perante nós, como as côres mais vividas, mais *sinceramente* apresentadas. O seu olhar, a voz, o gesto, acompanha a phrase de tal modo que toda a gamma dos sentimentos reflecte, vibra, passando de modo tal do riso ás lagrimas que a alegria e a dôr não são mais que reflexos da sua alma d'artista, illuminada constantemente pela vivida luz do Genio. O papel de *Nina*, todo elle cheio de contrastes, foi habilmente feito por Lucilia, e bastará toda a scena das cartas, no 3.º acto, e o dialogo com Hilario (A. Rosa), para podermos asseverar que é um trabalho digno de nota!!

Augusto Rosa, no papel de *Hilario Jesson*, marcou mais uma vez o seu talento de actor!

Josepha de Oliveira, Laura Cruz, Izaura de Sousa, Cecilia Neves, Antonio Pinheiro, Augusto Antunes, Alexandre Azevedo, Carlos Santos e Francisco Senna, deram á peça um conjuncto apreciavel.

Henrique Alves, no papel Pryce-Ridgeley,

apresentou-nos um bello typo, sendo applaudido com justiça.

A peça está bem posta em scena e o scenario é vistoso.

A comedia em 3 actos da escriptora franceza Mourey, habilmente traduzida pelo conhecido jornalista Portugal da Silva, agradou sem reservas. *As duas Madame Delauze* é uma peça feita com o unico fim de mostrar o sacrificio de uma mãe, amando doidamente seu filho. As scenas são bem conduzidas e a linguagem agradavel. Angela Pinto, que appareceu de novo n'aquelle theatro, tem um bello trabalho no papel de *Joanna Domeuil*, recebendo grandes applausos. Lucilia Simões, deu-nos uma *Cecilia* cheia de talento, não esquecendo o menor detalhe; sempre grande actriz!

Azevedo, Pinheiro e Antunes, assim como Cecilia Neves no pequeno papel de *Henriqueta Landrey*, foram applaudidos com justiça.

A *Mentira*, é um curto acto dramatico que apenas dura uns doze minutos, mas em que se nota o grande talento de Marcellino Mesquita. Maria Falcão, Antonio Pinheiro e Azevedo deram bastante vigor a este pequeno trabalho, sendo muito applaudidos.

A *Sorte dos maridos*, é uma verdadeira banalidade, d'essas que os francezes impingem, não destituída de alguma graça e mesmo de algum espirito, mas as scenas são longas, massando atrozmente.

O traductor, que se assigna *Tony*, a encobrir um nome d'um joven diplomata e escriptor, fez bem, porque deveria arrepender-se de ter gastado algum tempo a traduzir aquella banalidade litteraria!

Se o publico a aturou até final, foi isso devido ao bom desempenho que teve por parte de Angela Pinto, Augusto Rosa, Henrique Alves e Pinheiro.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

N. da R. — Tencionavamos fallar n'esta secção *somente* de originaes portuguezes, mas sendo a *Arte Musical* a unica revista d'arte que se publica em Lisboa, entendemos dar aos nossos assignantes e leitores uma rapida noticia critica do principal movimento theatral da nossa capital, *assim como do estrangeiro*, quando não luctarmos com a falta de espaço.





## PORTUGAL

Sob os auspícios de Vianna da Motta, apresentou-se há pouco em Berlim uma notável pianista portuense, M.<sup>elle</sup> Aussenac, laureada alumna do Conservatorio de Paris, a quem a nossa revista mais d'uma vez tem alludido.

O mais alto documento do seu valor é o telegramma que Vianna da Motta enviou á mãe da distincta artista, residente no Porto e leccionista da Escola Normal, dando-lhe conta do exito do concerto. Diz simplesmente: — *Successo colossal.*

\*

A *Sociedade de Conciertos* de Léon, em amavel officio enviado á *Sociedade de Musica de Camara*, propoz-lhe uma *entente*, pela qual os societarios de ambas essas instituições artisticas terão reciprocamente o direito de assistir aos concertos por ellas organizados.

Por pouca vantagem pratica que essa combinação represente, convem registrar a distincção com que quiz honrar nos a importante sociedade hespanhola.

\*

Como dissémos no numero anterior, o conselho de arte musical do Conservatorio foi encarregado pelo ministro do reino de elaborar um projecto de programma para a futura exploração do theatro de S. Carlos.

D'esse conselho foi nomeada uma comissão especial para tratar do assumpto, composta dos srs.: Eduardo Schwalbach, Augusto Machado, Julio Neuparth, Ernesto Vieira, José da Costa Carneiro, Filippe Duarte e Antonio Arroyo (relator).

A comissão concluiu no dia 9 esses trabalhos, apresentando n'essa mesma data no ministerio do reino um projecto de programma e um desenvolvido relatorio.

\*

No proximo domingo, 19, realisa o professor Rey Colaço a primeira das sessões, com

caracter popular, destinadas a beneficiar a colonia de verão para creanças pobres, por elle instituida no Mont'Estoril.

\*

Em principios de fevereiro deve partir para Milão o maestro Luiz Mancinelli, afim de presidir aos ensaios da sua nova opera *Paolo e Francesca*.

Voltará, ao que nos consta, em principio de março afim de retomar o seu lugar no theatro de S. Carlos.

\*

Publica a folha official de 13 do corrente a nota de ter sido conferida ao nosso director, sr. Michel'angelo Lambertini, a Comenda da Ordem de San Thiago, com que Sua Magestade El-Rei houve por bem agraciá-lo em 25 de novembro, por occasião do segundo concerto da *Grande Orchestra Portugueza*.

Aos nossos collegas da imprensa agradecemos as palavras amabilissimas que, ao noticiarem a referida mercê, se dignaram dispensar ao agraciado.

\*

Em principios de maio esperam-se no Porto as distinctas concertistas Clotilde Kleeberg (pianista) e Julia Merten-Culp (cantora de *lieder*).

E' bem para lastimar que a nossa capital não possa offerecer tambem ás illustres artistas um contracto vantajoso. Madame Kleeberg, que o Porto já tem applaudido, é uma das interessantes pianistas da actualidade, pelo *charme* da execução e pela maneira como interpreta tanto os classicos, como os românticos do piano. Julia Merten-Culp especialisa-se nos *lieder* de Bach, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn e Schumann, tão escassamente conhecidos no nosso meio.

Parece-nos que seria um verdadeiro serviço á arte escripturar estas duas concertistas, tanto mais que tendo de vir ao nosso paiz, não lhes seria talvez difficil dispôr de uns dias, para um ou dois concertos em Lisboa.

\*

A proposito da nossa talentosa compatriota Virginia Suggia e de uma audição que ultimamente effectuou na *Salle Pleyel* (Paris), transcrevemos o que diz o *Monde Musical*:

«Mlle Virginie Suggia, sœur de la remarquable violoncelliste est, elle même, une pia-

niste de talent et de tempérament. Dans un récital composé d'une *Sonate* de Beethoven, des *Etudes symphoniques* de Schumann, de pièces de Chopin, de Liszt et du fameux *Sous bois* de son maître V. Staub, enlevé avec un rare brio et bissé, la jeune artiste portugaise a montré des dons précieux de sonorité et d'expression, un jeu audacieux, parfois un peu précipité, enfin une nature fort intéressante et des plus sympathiques à laquelle un nombreux auditoire n'a cessé de prodiguer les marques de sa très vive satisfaction.

### ESTRANGEIRO

Um dos acontecimentos sensacionaes da quinzena é o roubo do *stradivarius* do grande violinista Ysaye.

Efectivamente, um telegramma de S. Petersburgo annunciava em fins de dezembro que durante uma audição realisada no theatro Mariskaya, tinha sido subtrahido do *foyer* dos artistas o precioso instrumento, cahindo desmaiado o seu illustre possuidor, quando se apercebeu do roubo.

No dia seguinte, em casa de Ysaye, reuniam-se com alguns amigos do artista dois chefes de policia, discutindo-se longamente quaes as medidas a tomar, para evitar que o *stradivarius* saia do territorio russo. Decidiu-se enviar telegrammas para toda a Russia, ordenando aos agentes de policia que não deixem sahir do paiz nenhum estojo de violino e aos negociantes d'instrumentos musicos que exerçam a mais activa vigilancia sobre todos os violinos que lhes passem pela mão. Propoz-se tambem uma avultada recompensa a quem restituir o instrumento.

O *stradivarius* d'Eugenio Ysaye é um dos mais preciosos que existem. Tem a data de 1732 e está avaliado em 15 contos de réis.

Diz o *Signale*, de Leipzig, que foram encontrados dez kilos de dynamite no edificio do Conservatorio de S. Petersburgo. A descoberta do perigoso explosivo foi feita na occasião de um ensaio geral.

Na data da publicação d'este numero, 15 de janeiro, prefaz cem annos que se cantou pela primeira vez a *Vestale* de Spontini.

O tenor Constantino, que canta actualmente em Boston, propõe-se disputar a Caruso as honras de campeão dos tenores e

desafia-o a que compareça perante uma commissão de artistas, a qual decidirá do valor de ambos. O modesto Constantino põe n'esta curiosa aposta o melhor de nove contos de réis.

Para maio de 1909 projecta-se, em Vienna d'Austria, uma commemoração solemne do centenário da morte de Haydn.

Reuniu-se para esse effeito uma commissão, composta de artistas e de notaveis personalidades de Vienna, que desejam desenvolver n'esse sentido um programma de grande interesse artistico e documental.

O violinista Hubermann adquiriu um instrumento de «Guarnerius del Gesù», do anno de 1733, pelo preço de 36:000 marcos.

Comprou-o ao violeiro de Berlim, Oswald Möckel.

Consta que a banda da *Guarda Republicana* de Paris irá ao Brazil, por occasião dos festejos de recepção ao nosso monarcha, afim de dar alguns concertos no Rio de Janeiro.

Um critico de Leipzig, de nome Maurice Wirth, publicou em um jornal que Arthur Nikisch, o famoso *kapellmeister*, era um homem demasiado grosseiro para poder dignamente dirigir a *Paixão* de Bach. Valeu-lhe o desabafo um processo, em que foi condemnado a 300 marcos de multa, ou 30 dias de prisão, á sua escolha.

Os nossos conhecidos artistas Rosina Storchio, Galvany, Eugenia Mantelli, De Lucia e Kaschmann estão escripturados, na proxima época do carnaval, para o theatro La Fenice, de Venesa.

Com 180 executantes, entre professores d'orchestra e coristas, executou-se ha pouco, em Rennes, a *Rebecca* de César Franck.

Publico numeroso e grande entusiasmo.

Em Ferrara, e sob os auspicios da *Sociedade de Quartetos* d'aquella cidade, vae solemnisar-se brevemente o tri-centenario de Girolamo Frescobaldi com a publicação de

um album collaborado pelos mais illustres escriptores e artistas de todo o mundo.

Foi effectivamente em 1608, que o genial contrapontista publicou em Antuerpia o seu primeiro trabalho musical, uma collecção de madrigaes a cinco vozes, que foram o ponto de partida da sua imorredoura fama.

No dizer da circular com que a *Sociedade de Quartetos* distinguuiu o director d'esta revista, os manuscriptos para o album frescobaldiano devem ser enviados até 31 do corrente mez.



Com 78 annos, falleceu ha pouco o excelente violoncellista Gaetano Braga, compositor e concertista de reputação universal.

Gaetano Braga nasceu nos Abruzzos, em Giolianuova, em 9 de junho de 1829. Alumno do Conservatorio de Napoles, onde recebeu lições de Mercadante, dedicou-se desde muito novo aos trabalhos da composição, conseguindo fazer cantar, em 1853, a sua primeira opera, *Alina*. Como virtuose do violoncello, fez as suas primeiras armas em Napoles, Florença, Vienna e Paris, fazendo apreciar desde logo, n'essas cidades, um talento pouco vulgar, em que predominava a elegancia e a distincção.

Em Vienna conseguiu ver representada, em 1857, uma sua opera seria, *Estella di San Germano*, dando no anno seguinte, em Napoles, *Il Ritratto* e pouco depois, no Theatro Italiano, de Paris, *Margherita la Mendicante*, cujo papel principal foi creado pela celebre Borghi-Mamo. Em Milão tambem se representaram duas das suas operas, *Mormile* em 1862 e *Gli Avventurieri* em 1867.

Deu tambem ao theatro de Lecco uma *Reginella* e até ao nosso theatro de S. Carlos um *Caligola*, mas essas, como de resto as precedentes, não consta que tivessem feito nem longa nem brilhante carreira.

Onde Gaetano Braga teve os mais ruidosos triumphos foi na vida de concertista, graças ao *charme* e elegancia com que tocava. Era não só um distinctissimo solista, mas tambem um primoroso tocador de musica de camara, tendo feito parte, na sua juventude, do optimo quarteto Mayseder, de Vienna.

Os concertos de violoncello, que veiu dar a Lisboa em 1873, e a sua celebre *Serenata*

para canto, piano e violoncello, tornaram-o aqui mais conhecido e estimado, que a opera *Caligola*, cujo exito não passou de um mais que modesto *succès d'estime*.

Gaetano Braga, cuja vida foi um bello exemplo de modestia, e de bonhomia, foi um grande amigo de Rossini e de Verdi.

\*

Em Garenne-Colombes (França), para onde se tinha retirado ha muito, falleceu o barytono Enrico Augusto Delle-Sedie.

Era um dos antigos artistas do Theatro Italiano, de Paris, onde fizera uma carreira brilhantissima.

Nascido em Livorno, em 1822, Delle-Sedie estudou canto e declamação lyrica na terra natal. Quando sobreveiu o movimento nacional de 1848, alistou se como voluntario, combatendo valentemente contra os austriacos e conquistando os galões de tenente. Retomou, depois da guerra, os seus trabalhos artisticos, estrejando-se, em 1851, no theatro de San Casciano, perto de Florença, e cantando, a seguir, em outras scenas de pouca monta.

Só mais tarde logrou fazer-se ouvir nos theatros de Vienna, Londres e S. Petersburgo, estrejando se em Paris no *Baile de Mascaras*, em 17 d'outubro de 1861, com um exito completo.

Não era extremamente extensa, nem notavelmente bella a voz de Delle-Sedie, mas tinha taes qualidades d'emissão e d'estylo, e tão largos dotes de comediante, que facilmente creou em Paris um lugar d'eleição e uma situação honrosissima na arte d'aquelle tempo.

O Conservatorio confiou-lhe, em 1867, a direcção de uma das aulas de canto, mas só ali se conservou durante quatro annos, dedicando-se depois por completo ao ensino particular.

Publicou uma grande obra didactica intitulada *L'art lyrique*.

\*

Outros artistas fallecidos: — Maurice Maquet, notavel amador de Lille e director da principal orchestra d'essa cidade — o tenor Enzo Ghilardini, que estava internado em um hospicio de Roma — Eugène Archainbaud, professor de canto do Conservatorio de Paris — Carlotta Ferrari, cantora que teve a sua hora de celebridade — o violinista-compositor Richard-Robert Hammer — o barytono Louis von Bignio — o cantor wagneriano Theodoro Bertram — e, finalmente, a cantora e comediante Amelia Schramm, de Berlim.



## PROFESSORES DE MUSICA

<b>Adelia Heinz</b> , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
<b>Alberto Sarti</b> , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
<b>Alexandre Oliveira</b> , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
<b>Alexandre Rey Colaço</b> , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
<b>Alfredo Mantua</b> , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
<b>Antonio Soller</b> , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
<b>Candida Cilia</b> , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D</i>
<b>Carlos Gonçalves</b> , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
<b>Carolina Palhares</b> , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
<b>Eduardo Nicolai</b> , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
<b>Elisabeth Von Stein</b> , professora de violoncello, <i>R. S, Sebastião, 9, 2.º</i>
<b>Ernesto Vieira</b> , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
<b>Francisco Bahia</b> , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
<b>Francisco Benetó</b> , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
<b>Guilhermina Callado</b> , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
<b>Irene Zuzarte</b> , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
<b>Joaquim A. Martins Junior</b> , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.</i>
<b>Joaquim F. Ferreira da Silva</b> , prof. de violino, <i>Rua José Estevão, 50, 3.º, E.</i>
<b>José Henrique dos Santos</b> , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
<b>Julieta Hirsch Penha</b> , profes.ª de canto, <i>R. Cons. Pereira Carrilho, M.M.J. 3.º E.</i>
<b>Léon Jamet</b> , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
<b>Lucila Moreira</b> , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
<b>M.ª Sanguinetti</b> , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 51, 4.º</i>
<b>Manuel Gomes</b> , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
<b>Marcos Garin</b> , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
<b>Maria Margarida Franco</b> , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
<b>Philomena Rocha</b> , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
<b>Rodrigo da Fonseca</b> , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

## A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

*Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração*

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA